UNIVERSIDADE FEDERAL DO DELTA DO PARNAÍBA – UFDPar
CAMPUS MINISTRO REIS VELLOSO – CMRV
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

JOSE WESLEY DOS ANJOS SILVA

A FORMAÇÃO DO PROFESSOR NO PROCESSO DE INCLUSÃO DE ALUNOS COM TEA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

PARNAÍBA
2025

JOSE WESLEY DOS ANJOS SILVA

A FORMAÇÃO DO PROFESSOR NO PROCESSO DE INCLUSÃO DE ALUNOS COM TEA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Coordenação do curso de Licenciatura em Pedagogia na modalidade presencial, do Curso de Licenciatura em Pedagogia, da Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAR), como requisito institucional para a obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.
Orientadora: Profª. Drª.Francisca Maria de Sousa.

PARNAÍBA

2025

A FORMAÇÃO DO PROFESSOR NO PROCESSO DE INCLUSÃO DE ALUNOS COM TEA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

APROVADO EM: __/ 07 / 2025

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
gov.br
FRANCISCA MARIA DE SOUSA
Data: 15/10/2025 00:57:23-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Profº. Dra. FRANCISCA MARIA DE SOUSA - UFDPar

(Orientadora)

Documento assinado digitalmente
gov.br
CLEIDIVAN ALVES DOS SANTOS
Data: 16/09/2026 17:18:48-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Profº. Dr. CLEIDIVAN ALVES DOS SANTOS - UFDPar

(Examinador)

Documento assinado digitalmente
gov.br
KELLY CRISTINA VAZ DE CARVALHO MARQUES
Data: 13/10/2025 15:09:30-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Profº. Dra. KELLY CRISTINA VAZ DE CARVALHO MARQUES - UFDPar

(Examinadora)

PARNAÍBA

2025

FICHA CATALOGRÁFICA
Universidade Federal do Delta do Parnaíba

S586f Silva, José Wesley dos Anjos.
a formação do professor no processo de inclusão de alunos com TEA nos anos iniciais do ensino fundamental [recurso eletrônico] / José Wesley dos Anjos Silva. – 2025.
42 f.

TCC (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Federal do Delta do Parnaíba, 2025.
Orientação: Prof. Dra. Francisca Maria de Sousa

1.Ensino Fundametal, Formação Continuada., Inclusão, Transtorno do Espectro Autista I. Título.

CDD: 371.9

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente a Deus, por toda a força e determinação que tem me dado durante a vida e a graduação, e que mesmo do meu jeito torto, conseguimos nos entender, Ele continua me ouvindo nos momentos em que mais preciso.

Agradeço também a minha amada Mãe, Maria Irene Pires da Silva, que sempre foi minha referência de força e determinação. Obrigado por ser a mulher mais forte, batalhadora e de coração puro que já conheci.

Agradeço ao meu tão amado avô, João Batista Pereira da Silva, que hoje não está mais neste plano, mas sei que está orgulhoso de mim de onde estiver, e esteve cuidando de mim desde sua partida, assim como durante toda a minha trajetória neste curso. Vô, nunca lhe esqueci, e nunca irei esquecer, ainda consigo sentir o seu cheiro e a sensação do seu abraço quentinho e aconchegante.

Agradeço também ao rapaz que de forma natural e involuntária, mudou minha forma de enxergar a vida e me ensinou a ser honesto, embora isso custe dizer algo que incomode, e que é graças a ele que o interesse por fazer este trabalho de conclusão de curso surgiu. Bernardo Lapuente Ferreira dos Santos Filho, os anos que passei sendo seu auxiliar ficarão marcados para sempre em meu coração e carreira profissional. Bernardo, você é o cara!

Agradeço também aos meus amigos, que inúmeras vezes foram minha rede de apoio, inclusive durante a produção deste trabalho. Harvey, Breno, Jelson e Diogo, amigos, mesmo podendo escolher entre 7 bilhões de pessoas no mundo, eu ainda escolheria vocês. Obrigado por tudo!

Agradeço também ao time de professores do curso de Pedagogia que tive o prazer de ser aluno, todos contribuíram para meu sucesso nesta graduação, em especial ao professor Cleidivan Alves, que me salvou em momentos cruciais do curso, e a minha professora orientadora deste trabalho, Francisca Maria de Sousa, que foi uma mentora excepcional e me guiou da melhor forma nesta pesquisa.

E claro, agradeço a mim mesmo, que apesar de toda essa rede de apoio, tive que me apoiar somente em minha perseverança, força e determinação para ultrapassar alguns obstáculos da vida e do curso.

Este trabalho é fruto do meu esforço e dedicação. Obrigado!

RESUMO

Este trabalho analisa a formação do professor no processo de inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista nos anos iniciais do Ensino Fundamental, com foco em como contribuir com o processo formativo destes educadores, tendo como objetivo geral analisar o processo formativo do professor dos anos iniciais do Ensino Fundamental e o desenvolvimento de práticas pedagógicas com alunos que possuem o TEA. Os objetivos específicos incluem: [1]observar a prática pedagógica do professor do Ensino Fundamental dos anos iniciais que possua em sua sala alunos com TEA; [2]identificar as características do aluno dos anos iniciais do Ensino Fundamental diagnosticado com o Transtorno do Espectro Autista; [3]refletir sobre o nível de formação acadêmica do professor do Ensino Fundamental que desenvolve sua prática com alunos autistas; [4]apresentar alguns dos desafios da prática pedagógica do professor dos anos iniciais do Ensino Fundamental ao desenvolvê-las com o discente diagnosticado com Autismo. Para este trabalho utilizou-se da abordagem qualitativa, de tipo exploratória, usou-se da entrevista semiestruturada aplicada com professores de turmas dos anos iniciais do Ensino Fundamental em escolas da rede pública e privada de Parnaíba-PI para a análise de dados. Os resultados mostram o esforço e determinação dos professores em praticar a inclusão na sala de aula, porém sem uma formação continuada focada nessa área da educação especial se torna inviável a melhoria na qualidade do ensino inclusivo. Diante dos resultados, conclui-se que a formação continuada se faz essencial para uma educação inclusiva de qualidade e efetiva nas escolas de Ensino Fundamental, e sem a implementação de políticas públicas e o incentivo da gestão escolar, esse ensino inclusivo permanece ineficiente e limitado.

Palavras-chave: inclusão. ensino fundamental. Transtorno do Espectro Autista. formação continuada.

ABSTRACT

This work analyzes the training of teachers in the process of including students with Autism Spectrum Disorder in the early years of Elementary Education, focusing on how to contribute to the training process of these educators, with the general objective of analyzing the teacher training process in the early years of Elementary Education and the development of pedagogical practices with students who have ASD. The specific objectives include: [1]observe the pedagogical practice of Elementary Education teachers in the early years who have students with ASD in their classrooms; [2]identify the characteristics of early years Elementary Education students diagnosed with Autism Spectrum Disorder; [3]reflect on the academic training level of Elementary Education teachers who develop their practice with autistic students; [4]present some of the challenges of the pedagogical practice of early years Elementary Education teachers when developing them with students diagnosed with Autism. For this work, a qualitative, exploratory approach was used, employing semi-structured interviews conducted with teachers of early years Elementary Education classes in public and private schools in Parnaíba-PI for data analysis. The results show the effort and determination of teachers to practice inclusion in the classroom, but without ongoing training focused on this area of special education, it becomes unfeasible to improve the quality of inclusive education. Given the results, it is concluded that ongoing training is essential for quality and effective inclusive education in Elementary Education schools, and without the implementation of public policies and encouragement from school management, this inclusive education remains inefficient and limited.

Keywords: inclusion. elementary education. Autism Spectrum Disorder. continuing education.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO 9

2. CONTEXTUALIZANDO SOBRE A FORMAÇÃO DO PROFESSOR A PARTIR DAS CONCEPÇÕES: FORMAÇÃO INICIAL E FORMAÇÃO CONTINUADA 11

2.1 Formação inicial 11

2.2 A concepção de formação continuada 13

2.3 a formação do professor dos anos iniciais do ensino fundamental: uma especificidade? 16

2.4 O professor dos anos iniciais do Ensino Fundamental e sua prática pedagógica a partir da perspectiva inclusiva 21

2.5 Abordagens teóricas sobre TEA 24

2.6 A prática pedagógica do professor do Ensino Fundamental com o aluno que tenha como diagnóstico o TEA 26

3. PERCURSO METODOLÓGICO 30

3.1 Caracterização do campo de pesquisa 31

3.2 Procedimentos de geração de dados 32

4. COMPREENDENDO O PROCESSO FORMATIVO DO PROFESSOR DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL A PARTIR DA ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS 33

4.1 Concepção da prática pedagógica do professor do ensino fundamental quanto a sua atuação em sala de aula com alunos com TEA. 33

4.2 Analisando as características do aluno autista descritas pelos professores 35

4.3 A formação do professor dos anos iniciais do Ensino Fundamental que possuem alunos com TEA 37

4.4 Analisando os desafios do professor dos anos iniciais do com alunos diagnosticados com TEA 39

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS 41

6. REFERÊNCIAS 43

1. INTRODUÇÃO

A formação de um professor é o alicerce para um ensino de qualidade, quando se trata de um professor com alunos que necessitam de uma abordagem e práticas especiais esse conhecimento precisa estar sempre em processo de renovação e adição. O mesmo se aplica aos discentes que possuem diagnóstico de TEA, o Transtorno do Espectro Autista, o educador necessita estar preparado com uma formação adequada para lidar com os desafios que as práticas pedagógicas para esses alunos apresentam.

A inclusão social do discente autista vem se tornando cada dia mais necessária nas escolas de ensino regular de todo o Brasil, e uma formação específica e continuada a fim de capacitar os docentes para contribuir de forma positiva nesse processo inclusivo é fundamental. Em conformidade com o Art 54 do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) é dever do Estado proporcionar atendimento educacional especializado às pessoas portadoras de deficiência preferencialmente na rede regular de ensino, uma vez que o acesso à educação é um direito de todo e qualquer cidadão.

Desta forma, a presente pesquisa se faz existente para gerar uma discussão em torno da formação de professores atrelada ao ensino na educação especial em salas de aula de ensino regular e sua importância nesse processo de inclusão, e nos desafios enfrentados por esses docentes ao se depararem com esses alunos que carecem de uma prática educacional diferenciada.

Este trabalho tem como objetivo geral analisar o processo formativo do professor dos anos iniciais do Ensino Fundamental para desenvolver a prática pedagógica com alunos que possuem o Transtorno do Espectro Autista, em razão disto, problematizou-se como contribuir com esse processo formativo destes profissionais e especificou-se:

- Observar a prática pedagógica do professor do Ensino Fundamental – Anos Iniciais que possua em sua sala alunos com TEA;

- Identificar as características do aluno do Ensino Fundamental – Anos Iniciais diagnosticado com Transtorno do Espectro Autista;

- Refletir sobre o nível de formação acadêmica do professor do Ensino Fundamental – Anos Iniciais que desenvolve sua prática com alunos com Transtorno do Espectro Autista;

- Descrever os desafios da prática pedagógica do professor do Ensino Fundamental – Anos Iniciais ao desenvolvê-las com o discente diagnosticado com Autismo.

Para fundamentar esta pesquisa, utilizou-se de livros, artigos e publicações em sites, apoiando-se nas obras de autores como Mantoan (2003), Freire (2003), Gatti (2007), Minayo (2001), entre outros, assim como documentos oficiais como Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA (2021) e as Diretrizes Nacionais Curriculares – DNC (2006). A fundamentação teórica deste trabalho se divide em 5 (cinco) seções, sendo elas: Contextualização sobre a formação do professor a partir das concepções: Formação inicial e continuada; A formação do professor dos anos iniciais do Ensino Fundamental: Uma especificidade?; O professor dos anos iniciais do ensino fundamental e sua prática pedagógica a partir da perspectiva inclusiva; Abordagens sobre TEA; A prática pedagógica do professor do Ensino Fundamental com o aluno que tenha como diagnóstico o TEA.

O processo metodológico deste trabalho utilizou-se da pesquisa qualitativa exploratória, apoiando-se na análise de conteúdo defendida por Bardin (2016), e portanto foi possível categorizar os dados por meio dos tópicos expressos no capítulo das análises dos dados com uma pesquisa de campo que se dividiu entre observações em sala de aula e entrevista semiestruturada com professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental de escolas públicas e privadas, que possuem em suas turmas discentes diagnosticados com o Transtorno do Espectro Autista, entre os profissionais entrevistados haviam professores graduados iniciando a carreira docente, assim como também professores com um tempo de carreira considerável possuindo especialização em Educação Especial.

Após análise dos dados colhidos nas entrevistas, concluiu-se que o processo formativo do professor na cidade de Parnaíba-PI ainda é lento, mas que apresenta profissionais dispostos a fazer a diferença no ensino inclusivo e de qualidade, embora os recursos e investimentos para uma formação contínua para esses educadores não seja visto como prioridade nas escolas.

2. CONTEXTUALIZANDO SOBRE A FORMAÇÃO DO PROFESSOR A PARTIR DAS CONCEPÇÕES: FORMAÇÃO INICIAL E FORMAÇÃO CONTINUADA

O ato de ser professor exige coragem e determinação, aliás, estamos falando da profissão responsável por instruir indivíduos para exercer outras profissões com competência no futuro, sem o professor o ser humano que vive em sociedade não consegue adquirir conhecimento necessário para que no futuro o mesmo tenha chances de entrar no mercado de trabalho ocupando um cargo socialmente intitulado “bom” ou “respeitado”.

O professor é uma profissão que está em constante contato com pessoas, portanto uma boa formação se faz necessária nesse quesito, considerando que vivemos em um mundo globalizado socialmente, é de suma importância que esse professor tenha em mente que a sociedade está em constantes mudanças todos os dias e cabe a ele acompanhar essas mudanças.

Acerca desse papel dos professores no mundo globalizado em que vivemos, Musberg e Silva, comentam:

> No que se refere ao papel do professor e da professora, novas formas de conceber a escola, os conhecimentos e o currículo, desafiam-nos a ultrapassar a noção de transmissores de informações. Sobretudo, seríamos produtores culturais e nossas práticas pedagógicas deveriam privilegiar a organização de experiências através das quais os estudantes pudessem vislumbrar o caráter socialmente construído ‘de seus conhecimentos e experiências, num mundo extremamente cambiante de representações e valores’ (Musberg, Silva, 2014, p. 2 apud Giroux, 1995, p. 101).

Os autores destacam a importância de o professor manter-se informado ao contexto em que os alunos estão inseridos, como forma de usar dessas informações a fim de que seus métodos educativos conversem com a realidade de seus educandos, tornando assim suas aulas mais participativas e atrativas para esses indivíduos.

2.1 FORMAÇÃO INICIAL

A formação de um professor se inicia desde o primeiro contato com a escola até o último dia de trabalho exercendo a profissão como docente, isto é, todo o conhecimento adquirido na escola nos anos iniciais e finais do ensino fundamental juntamente com o ensino médio, e em seguida o ensino superior, até as vivências como um profissional da educação contribuem para a preparação daquele docente e seus valores como um educador.

Desse modo, a formação docente acontece não apenas durante sua vida acadêmica enquanto adquire conhecimentos com seus professores, mas também durante suas vivências como docente na troca de conhecimentos com seus alunos. Para Paulo Freire a educação é uma troca entre os indivíduos, é uma ferramenta de união entre os seres humanos, evidenciando a importância do diálogo nesse processo de troca.

> Como professor, se minha opção é progressista e venho sendo coerente com ela, se não me posso permitir a ingenuidade de pensar-me igual ao educando, de desconhecer a especificidade da tarefa do professor, não posso, por outro lado, negar que meu papel fundamental é contribuir positivamente para que o educando vá sendo o artífice de sua formação com ajuda necessária do educador (Freire, 2011, p. 68).

O autor ainda reforça que durante a formação, que deve ser permanente, o formando deve desde o princípio perceber que ele também é um ser detentor da produção do saber, e "se convença definitivamente de que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção". Seguindo o mesmo pensamento, Freire afirma que:

> É neste sentido que ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos nem formar é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender (Freire, 2022, p. 12).

O autor nos faz refletir sobre o fato de que a educação persiste nessa mutualidade entre ensinar e aprender, aprender e ensinar, portanto o educador nunca está com o saber completo ou total, por assim dizer, mas sim com uma bagagem de conhecimentos adquiridos a fim de dialogar com seus educandos, estando todos em interação, aprendendo e ensinando uns com os outros durante esse processo de construção social, cultural e ética. Para Vaillant e Marcelo (2012), a formação é um conjunto de interações entre os formadores e educandos, com métodos e objetivos consentidos entre os mesmos para que ocorra as mudanças desejadas. Sobre esse ato de formação, os autores comentam:

> Para que se produza uma ação de formação é preciso que se produzam mudanças, através de uma intervenção pela qual há participação consciente do educando, assim como uma vontade clara de ambos os atores do processo para conseguirem os objetivos explicitados (Vaillant; Marcelo, 2012, p. 28).

Os autores destacam a importância da participação dos educandos nesse processo de formação, eliminando o pensamento de que a formação deve ser feita apenas pelos formadores e seus métodos pré-escolhidos, pois segundo Vaillant e Marcelo (2012, p. 29) "é

através da formação mútua que os sujeitos podem encontrar contextos de aprendizagem que favoreçam à busca de metas de aperfeiçoamento pessoal e profissional".

Segundo Perrenoud (1993), os professores sempre foram profissionais. Isso significa que o ensino evoluiu de uma prática artesanal para uma profissão com estratégias claras e ética. Seguindo esse pensamento, o autor afirma que:

> De uma maneira geral, a estrutura das formações iniciais confirma, ainda hoje, que a profissão docente parece caracterizar-se pela justaposição de uma competência acadêmica (dominar os saberes) e de uma competência pedagógica (dominar a transmissão dos saberes). [...] Ensinar é, antes de mais, fabricar artesanalmente os saberes tornando-os ensináveis, exercitáveis e passíveis de avaliação no quadro de uma turma, de um ano, de um horário, de um sistema de comunicação e trabalho (Perrenoud, 1993, p. 25).

Perrenoud enfatiza que o professor, ao possuir uma formação inicial, é dividido em duas vertentes ao assumir uma sala de aula, a do detentor do saber e a do transmissor do saber, e como isso é feito de forma subjetiva em cada pessoa que inicia sua trajetória como profissional da educação. O educador vai se descobrindo e se munindo a cada prática e teoria dominada, se permitindo errar e enxergar nos erros a forma correta de conduzir aquelas turmas e trazer confiança aos seus alunos tornando-os seguros suficientes para participar daquelas atividades propostas. Para Valliant e Marcelo (2012, p. 123), a fase de inserção à docência pode durar anos e "é o momento em que o professor novato tem que desenvolver sua identidade como docente e assumir um papel concreto dentro do contexto de uma escola específica".

Ou seja, embora existam escolas com o mesmo sistema, no caso das públicas, nenhuma escola é igual, e todas apresentam um contexto específico no qual o docente irá se aperfeiçoar e formar sua metodologia para melhor se inserir naquele âmbito profissional. É nesse período de inserção que ocorre a transição de professor em formação para um professor profissional.

2.2. A CONCEPÇÃO DE FORMAÇÃO CONTINUADA

No que diz respeito a formação continuada, sabemos que muitos profissionais da educação a buscam com o intuito de aprimorar seus conhecimentos em áreas específicas onde mais se identificam, ou até mesmo para aqueles que não desejam assumir uma sala de aula, a

formação continuada se torna um meio de se formar em uma área da educação que não envolva a docência, como a gestão, pedagogia empresarial e saúde.

"A formação continuada no Brasil constitui um dos elementos de desenvolvimento profissional dos professores, pois complementa a formação inicial e constitui condição de acesso para níveis mais elevados na carreira docente" afirmam Romanowski e Martins (2010, p. 287).

Os autores comentam sobre a importância de uma formação contínua durante a carreira dos profissionais da educação, enfatizando que a mesma é porta para crescer na carreira docente, sendo esse um dos motivos para que os educadores busquem estar sempre atualizando seus conhecimentos e currículo.

Para contextualizar a formação continuada no Brasil vale ressaltar que a mesma se faz ativa desde bastante tempo no país, pois o sistema de ensino foi criado antes mesmo que houvessem professores devidamente preparados para assumir a docência, fazendo com que professores inexperientes e leigos fossem contratados para assumirem o cargo e durante as vivências em sala de aula foram adquirindo prática. Com isto, a formação continuada surgiu como uma espécie de aprovisionamento para aqueles professores haviam entrado às cegas na docência, portanto a formação continuada é fruto do próprio sistema mesmo não havendo nenhuma política pública definida na época (Gatti, 2007).

Com isto, devido a precariedade dessa formação de professores, algumas deliberações foram tomadas, como a criação de cursos normais para esses professores não diplomados terem uma formação além daquela que os fariam entrar na prática docente como profissão.

Durante a década de 40 alguns programas foram criados para alavancar ainda mais essa ideia da formação continuada, mas essa formação permanecia sendo vista como um suprimento para os professores leigos e alguns desses programas a tratava como reorganização das práticas pedagógicas desses docentes. Somente na segunda metade da década de 60 a formação continuada passou a ser vista como complementação profissional.

> A partir do final da década de 1960, a formação continuada passa a constituir-se complementação profissional como reciclagem e treinamento, sob a forma de cursos de curta duração e palestras. A ênfase dos conteúdos desses cursos é a organização do planejamento do ensino, dos materiais instrucionais e da avaliação. Os professores são treinados para elaborar objetivos instrucionais que permitam controlar a aprendizagem dos alunos e organizar mapas com percentuais de comportamentos atingidos, bem como elaborar questões de testes de itens tecnicamente corretos (Romanowski, Martins, 2010, p.289).

Chegando na década de 70 a formação continuada passa a ser tratada como aperfeiçoamento e educação continuada, com cursos de curta duração, palestras e seminários

com conteúdo de ensino embasado na perspectiva crítica. Com o sucesso desses cursos, a partir dos anos 80 a educação continuada começa a ser vista com consideração na carreira docente. Nos dias de hoje a formação continuada como já citada acima, se faz presente na carreira docente por diversos motivos: complemento de formação, suprimento de conhecimento, atualização de conteúdos e práticas pedagógicas, aprofundamento em áreas específicas e pesquisa. Complemento de formação pois muitas das vezes essa formação é considerada precária, causando insatisfação no docente ou na gestão da escola que emprega o mesmo.

A necessidade por uma formação continuada acaba acarretando o professor e demandando tempo que em sua maioria é bem curto e lotado, pois o professor precisa dividir seu tempo entre ministrar suas aulas em tempo integral, em algumas situações essas aulas são em diferentes escolas, e assistir as aulas do curso da formação continuada. O professor se torna uma pessoa fadigada, com uma sobrecarga muito elevada, causando uma falta de tempo para si mesmo e seu lazer, o que afeta diretamente na sua qualidade de trabalho e ensino (Romanowski; Martins, 2010).

Sabendo dessa necessidade que a formação continuada se faz no currículo e carreira de um professor, e também a importância dessa formação continuada para garantir o aprimoramento de suas práticas educativas, aprender novos métodos de ensino e estar cada vez mais atualizado nos assuntos do mundo e tecnologia, esses profissionais da educação tem buscado cada vez mais desse recurso para garantir um ensino de qualidade e proporcionar uma reflexão crítica aos seus alunos. Para Farina e Benvenutti (2024), a formação continuada vai além de adquirir novos conhecimentos.

> [...] a formação continuada é um processo de aprendizagem que visa desenvolver e aprimorar as habilidades e conhecimentos de profissionais em suas áreas de atuação. Essa formação não se limita apenas à aquisição de novos conhecimentos, mas inclui o desenvolvimento de competências e habilidades práticas (Farina; Benvenutti, 2024, p. 16).

Enfatizando que a importância de uma formação continuada na carreira de um educador vai além de elevar currículo e aprender novos assuntos, mas também novas práticas pedagógicas baseadas no mundo globalizado e moderno em que vivemos, permitindo o professor se adequar às novas realidades e tecnologias que os alunos apresentam nas escolas.

Portanto, é essencial que os professores nos dias de hoje façam cursos de formação continuada, para garantir uma boa e atualizada qualidade de ensino aos seus alunos trazendo

aos mesmos métodos e práticas educacionais compatíveis com suas vivências em seus meios sociais, permitindo a esses discentes uma facilidade de compreensão do conteúdo e possibilitando a reflexão crítica entre os mesmos.

2.3 A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: UMA ESPECIFICIDADE?

O professor do Ensino Fundamental carrega com ele estigmas impostos pela sociedade em torno de sua formação, tratada como algo "simples" que se encerra na graduação, mas ao contrário do que muitos pensam, a formação de um professor dessa etapa da educação consiste em ser contínua e reflexiva, a fim de construir abordagens pedagógicas que desenvolvam o pensamento crítico e autônomo para seus educandos (SOUSA; CABRAL, 2018).

Ao falarmos de formação de professores dos anos iniciais do ensino fundamental, logo pensamos na graduação, a licenciatura plena em pedagogia, embora o senso comum tenha a ideia de pedagogo apenas na educação infantil, o curso superior em pedagogia também permite o educador de atuar nos anos iniciais do ensino fundamental, como diz na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN 9.394/96). No entanto, a mesma também diz que o ensino superior não se limita apenas à graduação, como traz o Art. 44:

> A educação superior abrangerá os seguintes cursos e programas: (Regulamento), inciso III – de pós-graduação, compreendendo programas de mestrado e doutorado, cursos de especialização, aperfeiçoamento e outros, abertos a candidatos diplomados em cursos de graduação e que atendam às exigências das instituições de ensino (Brasil, 1996, p. 35).

Contudo esse professor de ensino fundamental pode também ser um pesquisador, e isso traz com ele melhorias do ensino e de suas capacidades de desenvolver práticas educativas, tornando-as convenientes com sua área de pesquisa. As autoras Sousa e Cabral (2018) comentam que: "É relevante refletir sobre o professor pesquisador no ensino fundamental. Esse profissional tem suas especificidades enquanto professor e merece atenção nessa perspectiva de pesquisa".

Portanto essa reflexão acerca do professor pesquisador no ensino fundamental se faz necessária para refletirmos a importância do ensino e da pesquisa na educação básica. A formação contínua do professor pesquisador, desde a graduação até o doutorado, integra teoria e prática na educação básica, fazendo com que seus educandos sejam instigados a

participarem de pesquisas a fim de que os mesmos desenvolvam conhecimentos e estratégias para resolver problemas (Sousa; Cabral, 2018).

As autoras refletem sobre essa importância da formação continuada para uma melhor excelência no ensino e aprendizagem no ensino fundamental, acredita-se que esse profissional do ensino fundamental que possui um mestrado e doutorado pode contribuir de maneira positiva na qualidade de ensino e ainda gerar em seus alunos o interesse pela pesquisa, fazendo com que os mesmos percebam e tenham uma visão crítica da realidade escolar em que vivem.

Falar sobre a formação de professores é também falar sobre as dificuldades que assolam a educação e qualidade de ensino nos dias de hoje, assim como em toda a história da educação brasileira. Marcada pelo carecimento dos profissionais da educação e alunos, a educação no Brasil até hoje sofre com esses obstáculos.

Segundo Vicentim (2020) o papel do professor em sala de aula passa a ser desafiador, quando este percebe que não possui estruturas físicas, e materiais que possam servir de subsídios no processo de ensino e aprendizado do aluno.

Se tratando de um professor dos anos iniciais do ensino fundamental essa carência de recursos e infraestrutura em sala de aula se faz bastante preocupante, pois compromete a qualidade de ensino daquele educador e também o aprendizado daqueles alunos que já estão nos últimos anos do formato de ensino onde apenas um professor leciona todas as disciplinas, tendo que assumir novos desafios na segunda etapa do Ensino Fundamental.

Podendo essa carência de infraestrutura ser comparada também com a necessidade de qualidade na formação do professor, ao se fazer necessária uma boa formação para que os alunos tenham garantia de uma prática educativa enriquecedora e atual.

Acerca da formação de professores, Vicentim (2020, p. 4) *apud* Freitas et al. (2016, p.10) afirma que “a busca pela formação deve ser uma ação constante do profissional, independente da área de atuação. Esta deve estar consolidada na carreira e, por conseguinte, servir como mecanismo de qualificação profissional”.

Um professor é muito mais que um profissional que mantém uma empresa funcionando, ele tem a responsabilidade de estar formando seres pensantes e críticos para viver em sociedade, portanto uma boa formação inicial e continuada se faz relevante para todo e qualquer educador, principalmente o da educação básica. Acerca dessa importância da trajetória educacional e formação profissional, Gatti comenta:

> Não há consistência em uma profissionalização sem a constituição de uma base sólida de conhecimentos e formas de ação. Com estas conceituações, estamos saindo

> do improviso, da ideia do professor missionário, do professor quebra-galho, do professor artesão, ou tutor, do professor meramente técnico, para adentrar a concepção de um profissional que tem condições de confrontar-se com problemas complexos e variados, estando capacitado para construir soluções em sua ação, mobilizando seus recursos cognitivos e afetivos. (Gatti, 2010, p. 1360 apud Ramalho; Nuñez; Gauthier, 2003).

O autor evidencia a relevância de uma boa base curricular e de conhecimentos de um professor para a desmistificação da profissão como algo simples e banal, para uma profissão complexa que exige conhecimentos fora do senso comum na realização de suas práticas.

Entretanto, ao falarmos de constância na formação profissional voltada para os profissionais da educação, ela se faz relevante não apenas pela qualificação profissional, tratando-se de currículo, mas também pela qualidade de ensino e o papel que o professor tem de estimular o interesse dos seus alunos pela escola, através de práticas educativas que trabalhem a subjetividade e realidade daqueles alunos, fazendo com que os mesmos se sintam representados e acolhidos na sala de aula.

O estudante de pedagogia irá atuar nas salas da Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental após concluir sua formação, analisando o que diz respeito ao curso nas Diretrizes Curriculares Nacionais, no Art. 5º algumas competências necessárias para a formação desse futuro profissional da educação são apresentadas:

VII - relacionar as linguagens dos meios de comunicação à educação, nos processos didático-pedagógicos, demonstrando domínio das tecnologias de informação e comunicação adequadas ao desenvolvimento de aprendizagens significativas;

VIII - promover e facilitar relações de cooperação entre a instituição educativa, a família e a comunidade;

IX - identificar problemas socioculturais e educacionais com postura investigativa, integrativa e propositiva em face de realidades complexas, com vistas a contribuir para superação de exclusões sociais, étnico-raciais, econômicas, culturais, religiosas, políticas e outras;

X - demonstrar consciência da diversidade, respeitando as diferenças de natureza ambiental-ecológica, étnico-racial, de gêneros, faixas geracionais, classes sociais, religiões, necessidades especiais, escolhas sexuais, entre outras;

XI - desenvolver trabalho em equipe, estabelecendo diálogo entre a área educacional e as demais áreas do conhecimento;

O professor recém-formado que ingressa em sala de aula do Ensino Fundamental precisar ter essa percepção de diversidade entre os alunos presentes, saber trabalhar com essa

pluralidade cultural e apresentar estratégias que façam com que a sala heterogênea se sinta harmonizada, facilitando a comunicação entre professor-aluno e entre os alunos em si.

O professor dos anos iniciais do Ensino Fundamental e da Educação Infantil muitas vezes enfrentam os mesmos desafios, apesar de que cada etapa da vida escolar tem a sua singularidade, a semelhança entre esses dois níveis escolares apresentam semelhantes complicações para o professor.

Por ser o segmento seguinte a Educação Infantil, muitas famílias nos anos iniciais do Ensino Fundamental ainda praticam o grave erro de depositar no professor encargos que devem ser da própria família ou responsáveis, acarretando desentendimentos e prejudicando o trabalho do educador. Com relação a essa expectativa no trabalho do professor, os autores Lopes, Maranhão e Sá comentam:

> Outra questão que conturba a docência é a responsabilidade que a família e a sociedade "depositam" sobre a prática do professor; questões de responsabilidade familiar estão sendo transferidas para escola, o que revoga em discrepância no ambiente educacional (Lopes; Maranhão; Sá, 2013, p. 38).

A educação básica enfrenta esse dilema onde o professor é visto pela família como um tutor ou cuidador das crianças, não que os professores não se preocupem e zelem pelo bem estar dos educandos, mas é um erro confundir o trabalho do educador com responsabilidades que devem ser da família. Ser professor exige estudo, preparo e dedicação. Não é um “dom dado por Deus”. A escola é um local de ensino e aprendizagem, mas também exige do profissional o respeito e ética para com os alunos e famílias. O educador precisa ter em mente que aqueles alunos são crianças em formação, com personalidades sendo construídas, com sentimentos, curiosidades e energias afloradas.

É comum que em uma sala de aula dos anos iniciais do Ensino Fundamental aconteça das mais diversas situações envolvendo os alunos e suas peculiaridades, fazendo com que o desgaste mental daquele educador ocorra, mas é imprescindível que o professor considere o comportamento ético ao lidar com essas situações. Em torno das obrigações éticas e formação científica do professor, Paulo Freire afirma que:

> O preparo científico do professor ou da professora deve coincidir com sua retidão ética. É uma lástima qualquer descompasso entre aquela e esta. Formação científica, correção ética, respeito aos outros, coerência, não permitir que o nosso mal-estar pessoal ou a nossa antipatia com relação ao outro nos façam acusá-lo do que não fez são obrigações a cujo cumprimento devemos humilde mas perseverantemente nos dedicar (Freire, 2002, p. 8).

O autor destaca a importância da ética profissional para um educador. Sabendo das dificuldades e desafios que ser um professor até os dias de hoje carregam, a fadiga mental e física é inevitável, mas não podemos deixar que isso afete a ética profissional a fim de que isso não prejudique também os discentes, que estão em formação e cabe ao educador saber que tudo isso faz parte em processo educacional.

Mediante tais situações que acontecem em sala de aula, universitários estão cada vez menos interessados em se formar professores, principalmente para atuar na educação básica, o que causa bastante preocupação, pois os anos inicias do Ensino Fundamental é uma etapa crucial na formação dos cidadãos brasileiros enquanto sociedade, e ter profissionais capacitados nas salas de aula é acreditar no avanço da educação no País.

> Pensar à docência nos anos iniciais do ensino fundamental numa dimensão da esperança é acreditar que o Brasil, que a comunidade em que estamos inseridos, que aquilo que estamos fazendo é ação dos humanos, sendo ação dos humanos são essas crianças que estão aprendendo hoje, que podem desde já fazer a diferença no contexto em que atuam, desde que ouvidas, respeitadas, escutadas, sentidas na dimensão e na inteireza do ser (Martins Filho, 2019, p. 84).

E acreditando nesse avanço da educação e na formação de educadores bem capacitados no Brasil, que as escolas necessitam cada vez mais desses profissionais dedicados e bem-preparados, onde possam possibilitar o ensino mútuo com essas crianças, pois devemos considerar o pensamento de que as crianças também ensinam ao aprender, e o professor aprende ao ensinar. “Este é o principal sentido da escola, possibilitar que as crianças possam falar e ser ouvidas, que as crianças possam ter voz” (Martins Filho, 2019).

Crianças do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental precisam se sentir ouvidas e acolhidas, fazer com que elas expressem seus pensamentos, aprendizados e entendimentos são de suma importância para sua formação como ser social. Abolir aquela imagem de professor autoritário, o dono do saber e de todo conhecimento que se perpetuava nas escolas do Brasil é o melhor caminho para uma educação inclusiva, participativa e mútua.

A respeito da relevância do papel do professor na formação social dos alunos, Silveira (1995) afirma que: “De posse desse saber que o professor, na escola, lhes ensina, os alunos poderão desenvolver uma compreensão mais rigorosa e crítica da realidade em que vivem e, consequentemente, agir de forma mais consciente e eficaz para transformá-la”.

Portanto, a formação de um professor dos anos iniciais do Ensino Fundamental se mostra de grande relevância para o crescimento da sociedade e para toda a trajetória acadêmica de pessoas no contexto atual do país na busca do acesso ao mercado de trabalho e sucesso profissional.

2.4 O PROFESSOR DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL E SUA PRÁTICA PEDAGÓGICA A PARTIR DA PERSPECTIVA INCLUSIVA

Durante muito tempo a educação era vista como uma ferramenta para dar status aos indivíduos numa espécie de hierarquia social. Nas décadas de 50 e 60 a educação representava a possibilidade de ascensão nessa estrutura de pirâmide social onde quanto maior seu nível de educação, maior seu prestígio no meio social.

Poucos tinham acesso a uma educação escolar de qualidade, e embora o ensino regular já tivesse implementado estratégias para a inclusão de pessoas cegas, surdas ou com alguma deficiência física, os indivíduos com algum déficit de desenvolvimento de modo geral não tinham o mesmo tratamento e acabavam ficando esquecidos sem nenhum serviço educacional.

A educação Especial se torna presente a partir da década de 90 após a Conferência Mundial de Educação para Todos realizada em 1990 na Tailândia, que reuniu 157 países para discutir e revitalizar o compromisso com a educação para todos os cidadãos do mundo inteiro.

A participação cada vez mais comum de alunos com transtornos cognitivos, deficiências e superdotação tem gerado desafios para os professores da Educação Básica. Tornar os espaços de ensino e os métodos educativos mais acolhedores e inclusivos se faz necessário no cenário atual das escolas de todo o Brasil.

Posto isto, a formação continuada se faz ainda mais relevante e carente nas salas de aula, principalmente nas de Ensino Fundamental onde o processo de inclusão reflete na vida e formação de todos os alunos ao participarem e vivenciarem o ato inclusivo.

A escola, enquanto ambiente de formação docente, desempenha um papel fundamental na transformação das práticas educacionais, permitindo inovações no currículo, no ensino e na aprendizagem de todos os alunos, incluindo alunos com necessidades de práticas educativas especiais.

Porém, esse processo de inclusão ainda é um grande desafio para a Educação Básica, alguns professores não apresentam a formação necessária, ou se rejeitam a buscar uma formação continuada pois não querem lidar com as mudanças em sala de aula.

Com relação a estas lacunas enfrentadas pela Educação Básica no processo de inclusão, Rocha afirma que:

> A escola inclusiva depende de adaptações de grande e médio porte. Os de grande porte competem aos órgãos federais, estaduais e municipais de educação; as de pequeno porte são mudanças que cabem das iniciativas dos professores, que devem buscar recursos para ampliar sua qualificação, com o intuito de inserir esses alunos de forma eficaz e humana (Rocha, 2017, p. 4).

Diante disso, é primordial que o educador busque maneiras de atender a demanda que o aluno exija, seja qual for sua diversidade, a escola, a sala e a aula devem ser satisfatórias e inclusivas para esses discentes. Abranger todos esses alunos dentro de uma sala de aula regular de forma que trabalhem coletivamente visando uma interação entre todos eles e com métodos pedagógicos que permitam essa participação total, faz com que a inclusão aconteça.

Para que uma proposta de inclusão seja bem sucedida, é indispensável que o professor mude sua forma de pensar acerca das pessoas com algum tipo de deficiência ou necessidade especial e considere as possibilidades, fazendo o uso de atividades variadas onde se preza o respeito às diferenças (Rocha, 2017).

A respeito dessas adaptações e mudanças que o docente deve considerar no ensino inclusivo, Minetto afirma que:

> O professor precisa organizar-se com antecedência, planejar com detalhes as atividades e registrar o que deu certo e depois rever de que modo as coisas poderiam ter sido melhores. É preciso olhar para o resultado alcançado e perceber o quanto "todos" os alunos estão se beneficiando das ações educativas (Rocha, 2017, *apud* Minetto, 2008, p. 101).

O autor destaca o papel do professor nesse processo, a contribuição e dedicação do docente no ensino inclusivo são primordiais para a efetivação dessa inclusão, tornando a aula benéfica para todos aqueles presentes em sala de aula, independente de sua limitação, seja ela física ou neurológica.

Ao falarmos do Ensino Fundamental, estamos considerando uma possível sala de aula com diversas subjetividades, o Brasil por ser um país multicultural apresenta uma alta taxa de desigualdade social, portanto, é de se esperar essa heterogeneidade em uma sala de aproximadamente 25 alunos.

Entre essa grande diversidade cultural e social, temos essas pessoas que necessitam de práticas educativas especiais, e a citação de Minetto acima instiga a reflexão do quanto o profissional da educação precisa ter dedicação, e acima de tudo vontade de fazer a inclusão na escola acontecer.

Diante desses desafios que o professor do Ensino Fundamental precisa enfrentar ao exercer seu papel em busca da educação inclusiva, outro grande problema assola esses profissionais, a negação e falta de interesse das famílias.

Sem uma união e uma boa relação de família-escola, o processo de inclusão se torna ainda mais desafiador, formando uma lacuna que limita os avanços da escola e do professor ao elaborar estratégias que facilitam a inclusão desses alunos em sala de aula.

Acerca do papel da família no processo de aprendizagem e inclusão dos alunos que necessitam de práticas educativas especiais, Rocha comenta que:

> Além do professor, a família dos alunos com necessidades educacionais especiais pode participar a todo o momento do processo de ensino-aprendizagem dessas crianças, pois o tripé escola-família-comunidade é de suma importância, pois através dessa participação os professores têm a oportunidade de melhor conhecer o seu educando e suas especificidades, surgindo a partir daí uma troca de informações a fim de possibilitar o melhor aprendizado a todos, pois sozinho não poderá efetivar uma escola fundamentada numa concepção inclusivista (Rocha, 2017, p. 8).

O autor expõe a importância da colaboração dos familiares ou responsáveis por esses alunos com necessidades de práticas educacionais especiais, de forma que essa cooperação ajuda no trabalho dos docentes ao entender a subjetividade e necessidades daqueles educandos.

Visando um melhor entendimento da importância dessa participação e colaboração da família nesse processo inclusivo, podemos trazer como exemplo a história de muitas crianças que entram nos anos iniciais do Ensino Fundamental, os professores percebem que seu ritmo de entendimento não acompanha o resto da turma e ao contatar as famílias, as mesmas se negam a aceitar ou acreditar que seus filhos possam ter qualquer transtorno cognitivo.

Isso dificulta o trabalho do educador, impossibilitando o mesmo de desenvolver métodos educativos que permitem a participação e evolução daquela criança na vida escolar, assim como também é preocupante para o próprio aluno, pois sem um diagnóstico e práticas educacionais que auxiliem o avanço desse discente, em muitos desses casos o aluno chega no terceiro ano do Ensino Fundamental ainda analfabeto.

De acordo com a Resolução nº 7 do Conselho Nacional de Educação (CNE), publicada em 14 de dezembro de 2010, as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental proíbem a reprovação nos dois primeiros anos do Ensino Fundamental, o que faz com que essas crianças com ritmos de aprendizagem mais lentos e sem o diagnóstico necessário para a elaboração de atividades adaptadas necessárias cheguem ao terceiro ano sem uma alfabetização adequada.

Diante desta perspectiva o professor algumas vezes se deixa levar pelo medo do desconhecido, entretanto como educador o mesmo deve sempre lembrar da responsabilidade e

comprometimento com a educação e acolhimento para com todos os alunos, afirma Silva (2016). Ainda segundo a autora:

> [..] A melhor maneira de dirimirmos nossas dúvidas, acalmarmos nossos medos, não é através da fuga pela acomodação, ou simplesmente da falta de atenção para com o aluno, fazendo de conta que ele não existe, mas sim buscando informação e formação sobre como podemos otimizar as nossas ações pedagógicas, de forma a atender a esse aluno com deficiência, com dificuldade de aprendizagem etc (Silva, 2016, p. 22).

Portanto, é necessário que o educador dos anos iniciais do Ensino Fundamental tenha em mente que o processo de inclusão é desafiador, repleto de obstáculos, mas não impossível. E de toda maneira fazer com que a escola e a sala de aula sejam ambientes acolhedores para os alunos que necessitam de atividades educacionais especiais, elaborando estratégias para tornar sua aula mais abrangente, participativa e que estimule o trabalho coletivo entre todos.

A inclusão não se limita apenas a fazer a matrícula de alunos com deficiência, transtorno cognitivo ou superdotação na escola, ela é um ato constante que deve acontecer todos os dias dentro do ambiente escolar, trabalhando na formação dessas crianças e lhes dando o direito à educação que é garantido por lei, segundo consta no Art. 5º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB).

2.5 ABORDAGENS TEÓRICAS SOBRE TEA

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição neurológica que compromete o desenvolvimento cerebral, afetando milhares de pessoas ao redor do mundo, o TEA se caracteriza por limitações na comunicação e interação social, além da presença de padrões comportamentais e/ou interesses específicos e repetitivos.

Os sintomas ajudam a identificar o transtorno, mas seu grau é variável de pessoa para pessoa. Segundo o Departamento Científico de Pediatria do Desenvolvimento e Comportamento (2019), “trata-se de um transtorno pervasivo e permanente, não havendo cura, ainda que a intervenção precoce possa alterar o prognóstico e suavizar os sintomas”.

> O TEA constitui atualmente um dos maiores desafios da área médica e educacional, envolvendo a análise do comportamento, no sentido da compreensão e do enfrentamento das intercorrências que envolvem o espectro e seus efeitos na pessoa autista e até na sua própria família (Oliveira; Santos, 2022, p. 2).

O Transtorno do Espectro Autista se origina nos primeiros anos de vida e dura por toda a vida, mas nem sempre da mesma forma em todas as pessoas. Em alguns casos, os sintomas são visíveis nos primeiros meses de vida, em outros logo após o nascimento.

Embora o transtorno exista há muito mais tempo, somente na década de 40 foram realizados estudos e identificados os primeiros casos de TEA. Leo Kanner (1894-1981) e Hans Asperger (1906-1980) foram os responsáveis pela realização dos primeiros diagnósticos do TEA, onde Kanner diagnosticou crianças de ambos os gêneros com autismo, o que mais tarde passou a ser chamado de ‘autismo clássico’, e Asperger diagnosticou crianças do gênero masculino com autismo, na época assim chamado (Santos; Amorim, 2021).

> O diagnóstico de meninas no espectro autista foi possível por causa dos estudos de Leo Kanner que, ao contrário de Hans Asperger, seguiu método científico que revelou que se as meninas estavam apresentando as mesmas características atípicas dos meninos, a causa deveria ser a mesma, embora hoje a ciência consiga perceber diferenças do transtorno do espectro autista feminino para o masculino, em especial nas manifestações mais leves do espectro (Santos; Amorim, 2023, p. 61).

Após a nomeação do transtorno por Kanner e Asperger, o Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-IV) e a Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde (CID-10) passou a reconhecer como ‘Síndrome de Asperger’. Denominação essa que veio da psiquiatra estadunidense Lorna Wing, que após pesquisas e comparações entre as características destacadas por Kanner e Asperger, Wing juntamente da psiquiatra Judith Gould observaram uma continuidade diagnóstica e atribuíram essa continuidade a condição de espectro, logo a teoria de que o diagnóstico é diferente entre os gêneros foi derrubada. (Santos; Amorim, 2021).

Em decorrência da descoberta, a Síndrome de Asperger passou a ser chamada de autismo leve e o autismo passou a ser diagnosticado como Transtorno do Espectro Autista (TEA), conclui Santos e Amorim (2021).

Hoje, no Brasil e no mundo, o número de pessoas diagnosticadas com o Transtorno do Espectro Autista cresce ano após ano, fazendo com que as pesquisas em torno do tema aumentem ao longo dos anos.

Em uma matéria publicada pela BBC News Brasil em 2023, a cantora australiana Sia, de 47 anos, revelou que foi diagnosticada com TEA, e o veículo de mídia questiona o porquê desse número de diagnósticos ter crescido tanto nos últimos anos.

“Embora não existam respostas definitivas para essa pergunta, especialistas suspeitam que a maior conscientização sobre o tema seja a principal explicação para o fenômeno (BBC News Brasil, 2013)”.

2.6 A PRÁTICA PEDAGÓGICA DO PROFESSOR DO ENSINO FUNDAMENTAL COM O ALUNO QUE TENHA COMO DIAGNÓSTICO O TEA

Quando falamos sobre TEA, logo nos vem à cabeça uma criança reclusa, isolada, que vive em seu próprio mundo e não tem tanta interação com os outros alunos na sala de aula. Bem, é necessário que mudemos esse pensamento e passemos a considerar que pessoas com o Transtorno do Espectro Autista apresentam diferentes sintomas e/ou características.

Segundo Mantoan (2006, p. 41), “a maioria dos professores tem uma visão funcional do ensino e tudo o que ameaça romper o esquema de trabalho prático que aprenderam a aplicar em suas salas de aula é inicialmente rejeitado”.

O professor dos anos iniciais do Ensino Fundamental ao se deparar com uma criança diagnosticada com TEA, de início pode se sentir um pouco receoso, mas como um educador, ele deve considerar sua ética profissional e conhecimentos científicos aprendidos ao longo de sua vida acadêmica e profissional, e se despir de padrões de ensino a fim de se conectar com aquele aluno. A respeito da exclusão escolar, Mantoan (2006) afirma que:

> A exclusão escolar manifesta-se das mais diversas e perversas maneiras, e quase sempre o que está em jogo é a ignorância do aluno diante dos padrões de cientificidade do saber escolar. Ocorre que a escola se democratizou abrindo-se a novos grupos sociais, mas não aos novos conhecimentos (Mantoan, 2006, p. 13).

Concordando com a afirmação da autora, pode-se refletir que é necessário ir mais além do que apenas incluir esses alunos na escola, é preciso incluí-los dentro de sala de aula, e fora dela também. Permitir que os discentes expressem seus conhecimentos, criando diálogos onde todos possam contribuir com suas subjetividades a fim de se ter uma turma heterogênea e inclusiva é um dos papéis do professor.

> Estou convicta de que todos nós, professores, sabemos que é preciso expulsar a exclusão de nossas escolas e mesmo de fora delas e que os desafios são necessários, a fim de que possamos avançar, progredir, evoluir em nossos empreendimentos. É fácil receber os “alunos que aprendem apesar da escola” e é mais fácil ainda encaminhar, para as classes e escolas especiais, os que têm dificuldades de aprendizagem e, sendo ou não deficientes, para os programas de reforço e aceleração. Por meio dessas válvulas de escape, continuamos a discriminar os alunos que não damos conta de ensinar (Mantoan, 2006, p. 18).

Para que ocorra essa inclusão, é fundamental que o educador busque novos conhecimentos, mude práticas pedagógicas e avaliativas. Se tratando de um aluno diagnosticado com TEA, o professor precisa conhecer seu educando para que o mesmo possa elaborar atividades educativas que contribuem para sua formação levando em conta suas particularidades.

As práticas pedagógicas dos docentes são fundamentais para construir um ambiente educacional inclusivo e integrador. Segundo Sena (2021, p. 112), "nessa perspectiva o professor consciente de sua missão e comprometido com o saber, sempre estará em busca do conhecimento, em aprender e ensinar, e do ponto de vista da inclusão, diante dos desafios constantes no chão da escola, [...]". Sobre essas práticas pedagógicas com crianças diagnosticadas com TEA, a autora declara:

> Trabalhar com crianças com autismo é exatamente isso, estar em constante indagação e em constante busca por conhecimento. Pois bem sabe-se que o transtorno do espectro autista possui características e sintomas diversos, de condições complexas, com disfunções neurológicas, aparecendo quando ainda é bem pequena (Sena, 2021, p. 112).

Os anos iniciais do Ensino Fundamental é um momento onde as crianças têm de 6 a 10 anos de idade, período este onde elas estão em fase crescimento e internalizando aprendizados, conceitos e construindo sua subjetividade a partir deles. Garantir que a inclusão acontece dentro da sala de aula, fazendo com que todos os discentes acolham e se vejam como iguais, apesar de todas as diferenças culturais, socioeconômicas, raciais e físicas é de extrema relevância para a formação dessa turma como cidadãos.

"É necessário que os professores se apropriem da ideia de que em sala de aula precisa haver igualdade com relação a todos os alunos, o ensino precisa atender a todos que estão ali, sejam eles deficientes ou não (Sena, 2021, p.114)".

Por isso é necessário que o professor tenha um olhar mais atencioso com seus educandos, principalmente aos que possuem diagnóstico de TEA, pois esses carecem de um atendimento mais focado em suas necessidades e particularidades.

> O autista, sendo um indivíduo único, é exclusivo enquanto pessoa. Embora tenha características peculiares no que se refere à síndrome, suas manifestações comportamentais diferenciam-se segundo o seu nível linguístico e simbólico, quociente intelectual, temperamento, acentuação sintomática, histórico de vida, ambiente, condições clínicas, assim como todos nós. Portanto, nem tudo que venha dar resultado para uma pessoa com autismo serve de referência positiva a outra pessoa com a mesma síndrome (Orrú, p. 30- 31, 2009 *apud* Sena, 2021, p. 115).

Diante da afirmação de Orrú (2009), conclui-se que o professor precisa ter atenção dobrada para esse aluno com autismo, perceber seu comportamento, suas interações com os demais e com o próprio professor, observar as habilidades obtidas e avaliar métodos para garantir que o educando obtenha as que não foram.

É importante destacar que ao falarmos desse olhar mais atento aos alunos com TEA, não estamos nos referindo a ação de separar esses discentes dos demais da sala, isso não é incluir, mas só iria trabalhar com outra espécie de exclusão em sala de aula.

O professor deve sim procurar formas de trabalhar com esses educandos que visem um melhor aprendizado para os mesmos, mas que também sejam práticas pedagógicas participativas, reforçando a interação desses alunos com o professor e toda a turma. Mantoan (2003, p. 36) comenta que "o ensino individualizado/diferenciado para os alunos que apresentam déficits intelectuais e problemas de aprendizagem é uma solução que não corresponde aos princípios inclusivos, pois não podemos diferenciar um aluno pela sua deficiência".

Portanto, a escola e o professor precisam ter essa cautela ao pôr em prática os métodos inclusivos elaborados para atender as particularidades desse aluno de modo que não os excluem dos demais em sala de aula.

> O professor vai buscar inserir o aluno na sala de aula por meio de estratégias e propostas pedagógicas para que ela se desenvolva e aprenda integralmente e seja incluída no âmbito escolar. Também é importante que este professor esteja preparado, capacitado para trabalhar com essas crianças (Sena, 2021, p. 115).

Acerca da afirmação de Sena (2021) em torno da capacitação do educador, percebe-se o quanto se faz necessária uma formação continuada para o professor que vivencia ou irá vivenciar a educação inclusiva para crianças diagnosticadas com o Transtorno do Espectro Autista. Uma vez que para tornar possível a inclusão desses alunos se busque novas práticas educativas, a formação continuada seria de grande ajuda para esse profissional da educação, agregando de maneira positiva conhecimentos em torno da educação inclusiva na Educação Básica.

Deste modo, Sena (2021) afirma que o profissional precisa entender que é por meio do corpo e do ensino lúdico que a criança irá ter a curiosidade e o prazer ao aprender, deixando claro que essas práticas pedagógicas devem seguir os eixos norteadores como brincadeiras e interações dessa faixa etária, como consta na Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

> Como se pode notar, práticas voltadas para ao brincar, a ludicidade e o concreto são de suma relevância neste âmbito da educação, não só para as crianças típicas, mais também as que apresentam alguma necessidade especial, tornando o aprendizado inclusivo, agregando a eles mais competências quando comparados a ambientes separados ou isolados (Sena, 2021, p. 117).

Posto isto, ao falarmos de inclusão de alunos diagnosticados com TEA, esse uso do ensino lúdico com brincadeiras, brinquedos e jogos se faz bastante relevante pois dependendo de qual sejam essas ferramentas, estimulam a comunicação, interação social e organização cognitiva dessas crianças, além de tornar o ensino prazeroso para as mesmas. Sendo essas atividades desenvolvidas buscando a participação de todas as crianças, e respeitando as diferenças e conhecimentos adquiridos de cada uma, Sena (2021). Se tratando de ensino e aprendizagem de alunos com o Espectro Autista, não existem métodos ou práticas 100% corretas, considerando que cada pessoa tem suas características e particularidades, porém há muitas chances de o aprendizado ocorrer. Portanto é de suma importância a elaboração de abordagens pedagógicas para garantir a convivência desses alunos de forma mais ativa na sociedade.

3. PERCURSO METODOLÓGICO

Para a execução desta pesquisa, é seguro destacar a importância do processo investigativo e fundamentarmos alguns conceitos visando um melhor entendimento do mesmo.

> Diferentemente da arte e da poesia que se concebem na inspiração, a pesquisa é um labor artesanal, que se não prescinde da criatividade, se realiza fundamentalmente por uma linguagem fundada em conceitos, proposições, métodos e técnicas, linguagem esta que se constrói com um ritmo próprio e particular (Minayo, 2001, p. 25).

Deste modo, compreende-se que a pesquisa usa de técnicas para trabalhar acerca de fatos, buscando uma discussão ou soluções para possíveis problemáticas encontradas durante o processo investigativo, é através desses resultados que a pesquisa contribui para a sociedade. Entretanto, uma pesquisa científica não se limita a encontrar soluções, mas também faz com que abra mais questionamentos e problematizações em torno do objeto investigado. Para Minayo (2001, p. 26), a pesquisa é uma reação em cadeia ativada ao longo do processo de investigação, trazendo mais conhecimentos, indagações e problemáticas para aquele conhecimento prévio. "[...] denominamos ciclo da pesquisa, ou seja, um processo de trabalho em espiral que começa com um problema ou uma pergunta e termina com um produto provisório capaz de dar origem a novas interrogações."

Segundo Minayo (2001, p. 27) "o ciclo nunca se fecha, pois, toda pesquisa produz conhecimentos afirmativos e provoca mais questões para aprofundamento posterior".

A pesquisa qualitativa é uma abordagem de investigação científica que busca compreender o objeto de estudo considerando suas bases epistemológicas, isso envolve interpretar fenômenos culturais, sociais e econômicos de maneira mais aprofundada levando em consideração as perspectivas dos indivíduos envolvidos. A pesquisa qualitativa possibilita o contato direto do pesquisador com a situação e ambiente que está sendo investigado através do trabalho de campo. Além disso, caracteriza-se como descritiva, ou seja, os dados, expressos através de narrativas, fragmentos de entrevistas, retratos (ou descrições) como, por exemplo, são abordados interpretativamente, focando na descoberta do sujeito, em sua compreensão. São várias metodologias de pesquisa que podem adotar uma abordagem qualitativa, modo de dizer que faz referência mais a seus fundamentos epistemológicos do que propriamente a especificidades metodológicas (Severino, 2014, p. 103).

Segundo Severino (2014), a abordagem qualitativa pode apresentar diversas modalidades de pesquisa, como a pesquisa etnográfica, pesquisa participante, pesquisa-ação,

estudo de caso, análise de conteúdo, pesquisa documental, experimental, bibliográfica e de campo. Entretanto, a modalidade escolhida para executar a presente pesquisa foi a pesquisa exploratória e/ou pesquisa explicativa, que para Severino (2014) uma complementa a outra.

> A pesquisa exploratória busca apenas levantar informações sobre um determinado objeto, delimitando assim um campo de trabalho, mapeando as condições de manifestação desse objeto. Na verdade, ela é uma preparação para a pesquisa explicativa. A pesquisa explicativa é aquela que, além de registrar e analisar os fenômenos estudados, busca identificar suas causas, seja através da aplicação do método experimental/matemático, seja através da interpretação possibilitada pelos métodos qualitativos (Severino, 2014, p. 107).

Essa modalidade de pesquisa busca ir além da visão do pesquisador, ela busca investigar de forma aprofundada as informações colhidas a fim de identificar as possíveis problemáticas e lacunas que indagam esse processo investigativo, de forma com que este trabalho procura mostrar de forma imparcial como os educadores dos anos iniciais do ensino fundamental organizam e executam a prática docente com alunos diagnosticados com o Transtorno do Espectro Autista em salas de ensino regular, no caminho para a inclusão desses discentes. Contemplou-se a abordagem qualitativa e pesquisa exploratória, e como os procedimentos de geração dos dados foram feitas: observações em duas escolas, sendo uma da rede pública, e uma da rede privada, na cidade de Parnaíba, litoral do Piauí, e entrevistas semiestruturadas com quatro professores que atuam nas respectivas escolas, entrevistas essas que foram gravadas, transcritas e então analisadas. Para esta análise de dados, embasou-se nas contribuições teóricas de: Mantoan (2003) Freire (1996) e Rego (2021), e dentre outros.

3.1 CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO DA PESQUISA

A atual pesquisa usou como campo de pesquisa duas escolas da cidade de Parnaíba-PI, uma privada e uma pública, a escola privada de nome fictício “Escola Progresso”, a mesma possui 627 alunos sendo 10,3% diagnosticados com TEA, oferecendo todos os níveis de ensino, do infantil ao médio, sendo a pesquisa focada apenas nos anos iniciais do fundamental.

A respeito do segundo campo desta pesquisa, foi em uma escola da rede pública denominada de forma fictícia “Unidade Escolar Menino Jesus”, é uma escola que oferta o ensino infantil e fundamental contendo 812 alunos, sendo 10% desses alunos diagnosticados com Autismo.

Ambas as escolas funcionam nos turnos manhã e tarde, e estão localizadas na zona urbana de Parnaíba, os professores entrevistados lecionam somente nos anos iniciais do ensino fundamental, sendo alguns sem formação continuada, e apenas um possuindo especialização em Educação Especial.

3.2 PROCEDIMENTOS DE GERAÇÃO DE DADOS

Para cumprimento dos objetivos da pesquisa, estabeleceu-se diferentes procedimentos divididos em etapas a partir dos enfoques almejados. Assim, descritos a seguir:

Observação Participante; visitou-se escolas em atuação na cidade de Parnaíba-PI, observou-se o funcionamento das aulas e práticas dos professores com as turmas em busca de compreender como acontecia a prática pedagógica desses profissionais com seus alunos diagnosticados com o Transtorno do Espectro Autista. Isso possibilitou observar as metodologias e as práticas pedagógicas no cenário da educação contemporânea da rede pública e privada no litoral do Piauí.

Aplicação de entrevista semiestruturada com os docentes das turmas de anos iniciais do ensino fundamental; neste momento foi feita a aplicação de entrevista com os profissionais da educação dessas escolas, responsáveis por fazer acontecer essa educação inclusiva, com a finalidade de coletar dados acerca de como a formação continuada afeta na forma desses educadores atuarem em sala de aula com alunos diagnosticados com TEA.

Organização e sistematização dos dados; após as entrevistas, com os dados coletados, partiu-se para a organização desses dados e foi usufruído somente daquilo que foi mais relevante para a pesquisa, com base no foco da mesma.

Pesquisa bibliográfica; utilizou-se de artigos científicos, artigos publicados em sites ou livros que tratem dessa área de Educação Especial para fundamentar esta pesquisa e detalhar melhor como funciona essa área da educação no Brasil e como ela é vista pelos profissionais parnaibanos que nela estão envolvidos.

4. COMPREENDENDO O PROCESSO FORMATIVO DO PROFESSOR DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL A PARTIR DA ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

A formação do professor é a base que permite a construção de um ensino de qualidade e que assegura o aprendizado de seus alunos, sendo assim, o educador que possui uma formação continuada está caminhando para uma educação inclusiva e contemporânea. A prática docente necessita de uma formação que visa o conhecimento contínuo a fim de suprir as subjetividades e contextos atuais em que os discentes estão inseridos, e isto inclui discentes com necessidades de uma prática educativa especial.

Neste estudo, levantou-se a seguinte indagação: Como contribuir com o processo formativo do professor dos anos iniciais do Ensino Fundamental para desenvolver a prática pedagógica para alunos com TEA? Cujo objetivo geral foi analisar o processo formativo do professor dos anos iniciais do Ensino Fundamental para desenvolver a prática pedagógica com alunos com Transtorno do Espectro Autista.

Os educadores que responderam a entrevista foram 4 no total, sendo 1 do sexo masculino e 3 do sexo feminino, tendo eles entre 27 a 46 anos. Dos 4 que participaram desta pesquisa, todos os 4 são pedagogos formados, porém somente 1 possui especialização em Educação Especial, e para assegurar o sigilo da identidade dos profissionais entrevistados, nomeou-se-os de professor “A”, “B”, “C” e “D”.

As análises dos dados coletados nas entrevistas se deram por meio da análise de conteúdos defendida por Bardin (2016), que atualmente, pode ser definida como um conjunto de instrumentos metodológicos, em constante aperfeiçoamento, que se presta a analisar diferentes fontes de conteúdos (verbais ou não-verbais). Considerando os objetivos propostos por esta pesquisa, optou-se pela análise de entrevista semiestruturada, que para Bardin (2016) é considerada mais curta e deve ser registrada e integralmente transcrita.

Diante das considerações apresentadas, reportou-se às indagações a respeito da formação do professor e sua prática pedagógica com os alunos com TEA.

4.1 CONCEPÇÃO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA DO PROFESSOR DO ENSINO FUNDAMENTAL QUANTO A SUA ATUAÇÃO EM SALA DE AULA COM ALUNOS COM TEA.

A prática pedagógica de um professor é tudo que ele usa a favor de tornar possível o aprendizado para seus alunos, indo do planejamento à avaliação, metodologia aos recursos, o

docente precisa se munir de estratégias para cativar os educandos, e assim como cada educador possui suas ferramentas e técnicas em sala, os discentes também possuem suas habilidades e particularidades. Trabalhar essas práticas com alunos que necessitam de um ensino diferenciado torna a docência desafiadora, e até mesmo temida, mas como defende Paulo Freire, ensinar exige risco, aceitar o novo e rejeitar qualquer tipo de descriminação. "É próprio do pensar certo a disponibilidade ao risco, a aceitação do novo que não pode ser negado ou acolhido só porque é novo, assim como o critério de recusa ao velho não é apenas o cronológico" (Freire, 1996, p.20).

Ao questionar sobre a concepção de prática pedagógica com alunos diagnosticados com o Transtorno do Espectro Autista para o professor B, obteve-se a seguinte resposta:

> Então, a gente precisa encontrar práticas em que encaixem, que seja mais fácil para eles entenderem. Encontrar maneiras de que eles possam absorver aquilo. Porque a intenção é que eles aprendam e aquilo seja significativo. Porque não adianta eles fazerem uma atividade só para uma avaliação e não absorver o que eles precisam. **(Professor B)**

Na fala do professor B fica perceptível o cuidado e interesse dele com suas práticas pedagógicas e com o ensino para com seus alunos com TEA, o que conversa com o pensamento defendido por Freire no parágrafo acima, o professor está se arriscando em prol de educar aquele aluno mesmo que seja desafiador. Ainda com relação a resposta do professor B, é possível observar o comprometimento dele com o ensino significativo e de ir além do ensino mecânico e decorado. O que é outro pensamento defendido por Paulo Freire: "A tarefa coerente do educador que pensa certo é, exercendo como ser humano a irrecusável prática de inteligir, desafiar o educando com quem se comunica e a quem comunica, produzir sua compreensão do que vem sendo comunicado" (Freire, 1996, p.21). A citação de Freire mostra a necessidade do educador de se desafiar, se permitir ir além do comum em prol de garantir o aprendizado aos seus alunos, que é o professor B faz ao elaborar formas de tornar o ensino acessível e inclusivo aos discentes que possuem o Transtorno do Espectro Autista.

Continuando a análise da pesquisa, foi solicitado aos professores que falassem sobre a prática deles com os alunos diagnosticados, e essa foi uma das respostas:

> Eles vão receber um estudo realmente voltado para desenvolver as habilidades dele no básico. Também fazemos atividades que envolvem sentidos que não são sensíveis para eles. Por exemplo, tem alunos que não gostam de barulho. Então, quando vamos fazer atividades em coletivo, a gente evita atividade que tenha barulho, atividade que tenha pé no chão, contato com areia, porque tem aluno que também tem sensibilidade no pé. [...] Além disso, eles também utilizam algumas ferramentas como material dourado para poder responder à atividade de matemática. Tem o alfabeto móvel para poder ajudar nas atividades de português. **(Professor A)**

O relato expõe as estratégias e práticas do professor A de modo detalhado, o que leva a compreender que é essencial que o docente tenha esse cuidado e empatia ao trabalhar com crianças com TEA, compreendendo que a prática pedagógica vai muito além da sala de aula e de conteúdos programados, mas sim na inclusão desses alunos e no bem-estar dos mesmos dentro do ambiente escolar para que a criança se sinta confortável, segura e ocorra o devido aprendizado, que segundo Rego: “A função do aprendizado seria, justamente, criar essa zona de desenvolvimento proximal, pois na interação com outras pessoas que a criança põe em movimento vários processos de desenvolvimento que, sem ajuda externa, não ocorreriam (Rego, 1995, apud Alves; Oliveira, 2005)”.

Práticas pedagógicas que envolvam o aluno, mas também o faça se sentir confortável dentro de sala, são formas inteligentes de se promover a inclusão e interação de professor-aluno durante as aulas. Atividades que visam a progressão e socialização desse aluno que possui um diagnóstico de TEA são necessárias para o avanço intelectual e social do mesmo. Continua-se com as análises relacionadas às características do aluno com o Transtorno do Espectro Autista.

4.2 ANALISANDO AS CARACTERÍSTICAS DO ALUNO AUTISTA DESCRITAS PELOS PROFESSORES

Um passo importante na prática do educador é conhecer as particularidades de seus alunos, e assim como todo ser humano, as crianças com o Transtorno do Espectro Autista possuem suas características, e sabendo que o TEA é classificado em níveis de suporte, tais como nível 1, 2 e 3, mesmo que os alunos sejam do mesmo nível, eles não possuem a mesma personalidade, habilidade e necessidade. Portanto, o professor precisa conquistar aqueles alunos, se aproximar, observar e elaborar maneiras de incluir aqueles discentes nas atividades em sala de aula. Quanto a essas características, solicitou-se aos professores que citassem algumas delas de seus alunos com TEA e obteve-se algumas respostas onde é possível observar que essa preocupação com as práticas para a inclusão está inserida:

Eu trabalho com o quarto ano, tem alguns que ainda estão ali tateando no alfabeto. Então, a gente precisa fazer um apanhado lá da educação infantil. Tem aqueles que tem só a questão da dificuldade da leitura, tem aqueles que é só a dificuldade da escrita. **(Professor B)**

Eu tenho criança que tem TEA, que são altamente inteligentes, assimilam com muita facilidade e tem outros com bastante dificuldade na linguagem, na coordenação motora, na socialização, no próprio processo de ensino aprendizado, e também eles trazem, tipo assim, as

famílias não são muito bem preparadas para ter uma criança com TEA, então eles vêm com muita carência, muitos problemas, trazem muitos problemas. **(Professor C)**

As falas desses profissionais deixam a reflexão da importância da relação aluno-professor, e da percepção que um educador deve ter de seus educandos. A preocupação e o cuidado de fugir um pouco do conteúdo ministrado para o resto da turma para suprir uma necessidade isolada de um aluno é onde a inclusão acontece, pois como poderia esse aluno acompanhar a turma sem um conhecimento prévio que todos da sala já possuem? Esses relatos relacionam-se com o argumento de Mantoan (2003, p.36) que diz: "o ensino individualizado/diferenciado para os alunos que apresentam déficits intelectuais e problemas de aprendizagem é uma solução que não corresponde aos princípios inclusivos, pois não podemos diferenciar um aluno pela sua deficiência".

Este pensamento de Mantoan se mostra bastante na forma em que esses educadores conduzem o processo de inclusão em suas salas de aula, onde buscam estratégias de incluir o aluno com TEA na aula que o resto da turma está vendo, ao invés de elaborar conteúdos diferentes para eles, evitando que esses discentes se sintam de alguma forma diferentes ou excluídos do restante da turma.

Ao questionar sobre a interação desses alunos com os professores e atividades durante as aulas, obteve-se as seguintes respostas:

Aí entra muito mais uma vez aquilo que eu te falei, da individualidade de cada um. Existem atividades que eles não vão querer. Então, a gente busca sempre artifícios. [...] Então, além de preparar o individual, a gente também faz muita adaptação em várias atividades de sala para poder fazer com que ele participe. **(Professor A)**

Eles são bem participativos, mas aí também depende do que a gente apresenta. Se for aquela coisa bem texto maçante, aí eles já perdem o interesse. Se a gente trazer atividades diferenciadas, eles estão sempre bem atentos. **(Professor B)**

As falas dos professores A e B deixam explícitas as necessidades que um educador do ensino fundamental possui de estar sempre buscando maneiras de garantir a participação do aluno autista nas aulas. Sena defende que essa busca pelo conhecimento deve ser pertinente durante toda a carreira do professor.

> Trabalhar com crianças com autismo é exatamente isso, estar em constante indagação e em constante busca por conhecimento. Pois bem sabe-se que o transtorno do espectro autista possui características e sintomas diversos, de condições complexas, com disfunções neurológicas, aparecendo quando ainda é bem pequena (Sena, 2021, p. 112).

Portanto, cabe ao docente se munir desse conhecimento, de novas práticas, a fim de conquistar o aluno e garantir que a inclusão ocorra dentro de sua sala de aula. É nesse ponto que entra o próximo tópico e o ponto central desta pesquisa.

4.3 A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL QUE POSSUEM ALUNOS COM TEA

A formação de um profissional da educação é crucial para que o trabalho do mesmo seja cumprido com qualidade, responsabilidade e com ideais que reforcem a educação como um direito de todos. Nos dias atuais possuir uma formação continuada se faz necessário do ponto de vista de todos os desafios encontrados no ambiente escolar, e para lidar com crianças nos anos iniciais do ensino fundamental, essa formação precisa ser sempre levada em consideração, Farina e Benvenutti (2024, p. 36) afirmam que "a capacitação deve buscar fortalecer as competências dos professores, para que eles possam enfrentar os desafios específicos de suas realidades educacionais." Tendo em vista essa importância da formação continuada no processo de inclusão de alunos com TEA, indagou-se aos educadores entrevistados qual era a concepção de formação necessária para desenvolver práticas pedagógicas com esses discentes, e as respostas obtidas foram:

É contínua, é sempre estar buscando estudar, é sempre estar conhecendo novas práticas, novas ferramentas, até porque o conhecimento é uma ciência, a pedagogia é uma ciência. Então, ela tem o seu objeto de estudo, ela tem uma evolução. E se a gente fica preso a métodos antigos, a gente fica antiquado. Então, é sempre bom estar se adaptando. **(Professor A)**

Eu achava que todo professor deveria ter uma coisa realmente centralizada, direta para isso. Porque às vezes eu me pego sozinha, buscando, pensando naquele aluno, o que eu vou fazer. E aí seria interessante que existisse realmente um curso, uma coisa voltada. Porque eu sei que cada criança é diferente, mas se a gente tivesse pelo menos um norte, né? **(Professor D)**

As concepções compartilhadas pelos professores A e D mostram como esses profissionais estão cientes da relevância da formação continuada em suas carreiras, e se enquadram no pensamento defendido por Farina e Benvenutti:

> A formação e a capacitação dos profissionais da educação são fundamentais para o aprimoramento da educação no país. Professores bem-preparados e atualizados têm mais condições de desenvolver práticas pedagógicas eficientes, promover a aprendizagem dos estudantes e contribuir para o desenvolvimento da sociedade (Farina; Benvenutti, 2024, p. 36).

O pensamento das autoras também é motivo de reflexão sobre como as instituições de ensino e o poder público têm uma parcela de responsabilidade nessa propagação da formação continuada. Visando essa perspectiva, questionou-se aos professores se as instituições onde os mesmo trabalham oferecem algum tipo de formação continuada para os educadores, e o coletado foi:

Ela não oferece a formação continuada, mas nós somos bem orientados. A gente tem a coordenadora de inclusão e ela sempre manda dicas de como lidar com certos tipos de neurodivergências, de atividades que nós podemos fazer. E também a escola facilita um pouco na questão de você buscar uma formação. Se você precisa se ausentar do seu período de trabalho em prol de uma formação, a escola é extremamente flexível em relação a isso. **(Professor A)**

A gente tem muito curso, participa de muita palestra, de muita coisa. O município oferece a formação continuada, então todos os nossos encontros anuais são diversos a cada bimestre, sempre tem alguma coisa voltada para a inclusão desse tipo de aluno. **(Professor C)**

Analisando as respostas obtidas, é possível perceber que essas escolas ainda estão dando pequenos passos nesse processo de reforço a formação continuada de seus professores, embora facilitem para que o professor procure expandir seus conhecimentos, elas ainda não oferecem diretamente a formação continuada para os mesmos. O poder público também caminha devagar rumo a essa inclusão, sim, um processo de inclusão, e não apenas de melhorar a qualidade dos professores, pois isso é uma questão social, como defende Farina e Benvenutti:

> A discussão sobre a formação de professores no cenário brasileiro não se constitui em uma temática recente, é essencialmente uma das questões centrais no campo educacional, pois vai além de conchavos políticos, é uma questão social, por isso a necessidade de repensar as políticas de formação (Farina; Benvenutti, 2024, p. 39).

As autoras destacam que essa inclusão envolve poderes maiores que apenas da escola e dos professores, mas que não os exclui totalmente desse processo, é um trabalho em equipe que deve ser feito em prol de uma questão de inclusão social. Pessoas autistas têm direito a educação de qualidade como todos os outros cidadãos, e a formação continuada é o caminho mais aconselhável para que isso ocorra. Com isto, alguns obstáculos surgem neste processo inclusivo.

4.4 ANALISANDO OS DESAFIOS DO PROFESSOR DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL COM ALUNOS DIAGNOSTICADOS COM TEA

A prática docente é um processo contínuo de pesquisa e resolução de problemas. Nesse contexto, os professores enfrentam desafios constantes que exigem soluções criativas para superar obstáculos e aproveitar as potencialidades de cada estudante (Rocha, 2017). Ser educador nos dias de hoje é ter que se acostumar com um novo desafio a cada dia, e elaborar estratégias para que a educação aconteça. Com crianças que possuem o diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista não seria diferente, o processo de inclusão é um grande desafio aos educadores, pois é preciso que os mesmos elaborem práticas de ensino voltadas para esses alunos e que esses professores tenham um olhar diferenciado para eles em sala de aula. Considerando este tópico, indagou-se aos professores entrevistados acerca dos seus desafios com esses discentes e algumas das respostas obtidas foram:

Quando eu estou na minha sala de recurso, eu consigo acompanhar, porque eu atendo um aluno, dois, no máximo três alunos, por vez. Aqui eu tenho 27 alunos, dois são especiais, então eu não consigo dar aula, ensinar todos e, ao mesmo tempo, trabalhar com esses alunos especiais. **(Professor D)**

No meu caso, a maior dificuldade que eu tenho, que eu falei no começo, é por ser língua portuguesa. Normalmente é onde eles têm muita dificuldade. E eu preparo meus próprios materiais. Como eu sou professora específica de disciplina, né? Aí eu consigo focar no que cada criança precisa e aí eu preparo meus próprios materiais. **(Professor B)**

Ao analisar as respostas dos professores, pode-se observar uma discrepância entre os desafios citados, o professor D relata uma dificuldade com a quantidade de alunos em sala, enquanto o professor B revela sua dificuldade em preparar materiais diversificados para seus alunos, o que nos revela o quanto esses desafios são diversos e podem surgir outros. Ao considerar que o Transtorno do Espectro Autista apresenta diferentes características em cada pessoa, os obstáculos enfrentados pelos profissionais da educação podem ser totalmente diferentes de um aluno para o outro, de escola para a outra. No que diz respeito a resposta dada pelo professor B, a relação família-escola se faz ausente no contexto relatado, refletiu-se a fala de Rocha:

> Além do professor, a família dos alunos com necessidades educacionais especiais pode participar a todo o momento do processo de ensino-aprendizagem dessas crianças, pois o tripé escola-família-comunidade é de suma importância, pois através dessa participação os professores têm a oportunidade de melhor conhecer o seu educando e suas especificidades, surgindo a partir daí uma troca de informações a

> fim de possibilitar o melhor aprendizado a todos, pois sozinho não poderá efetivar uma escola fundamentada numa concepção inclusivista (Rocha, 2017, p. 8).

A afirmação do autor explicita a dependência que a educação inclusiva tem das famílias dos alunos, e sem uma participação ativa dos familiares nas atividades educativas e dia a dia dos estudantes, é apenas metade do caminho para que a inclusão aconteça de forma bem sucedida.

Finalizando a entrevista, questionou-se aos docentes se os mesmos consideram trabalhar com alunos com TEA uma tarefa difícil e obteve-se as seguintes declarações:

Não é difícil, é desafiante. Porque a gente tem que ficar sempre buscando, sempre estudando. Não que a gente não faça isso com os outros, mas são níveis diferentes de inteligência. Então, mesmo que a gente tenha na sala cinco crianças diagnosticadas, cada uma tem um nível diferente. **(Professor B)**

Não, a partir do momento que eu tenho alguém que possa me auxiliar a trabalhar com eles, porque eu dando as orientações e a pessoa me auxiliando a fazer isso, porque eles necessitam de um auxílio. Nem todos, mas tem aqueles que necessitam, que é o caso dos meus alunos. **(Professor D)**

Compreende-se que as dificuldades dos professores B e D se pautam na exaustão do educador, na diversidade de alunos diagnosticados para serem trabalhadas. Para eles seria muito mais fácil e prático se toda a turma tivesse o mesmo nível intelecto e apresentassem os mesmos desafios, porém como afirma Rocha, a inclusão exige que o docente saia da área de conforto.

> A educação inclusiva no modelo atual é um desafio aos professores, pois obriga-os a repensar sua maneira de ensinar, sua cultura, sua política e suas estratégias pedagógicas, adotando uma postura receptiva diante da singularidade que irá encontrar, a fim de detectar potencialidades e expor habilidades de acordo com a demanda de cada aluno (Rocha, 2017, p. 7).

Concordando com a citação acima, o caminho para a inclusão demanda esforço e determinação do professor, assim como também necessita do apoio da instituição de ensino, e do poder público. Políticas públicas e reformas são necessárias para que pessoas com necessidades educacionais tenham acesso a uma educação de qualidade e inclusiva dentro do ensino regular.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa centralizou-se na formação do professor e a relevância da mesma para a qualidade do processo de inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista, porém diante de algumas dificuldades apresentadas durante a entrevista, alguns questionamentos acerca desse processo surgiram. Em face do processo formativo do professor dos anos iniciais do Ensino Fundamental, analisou-se a formação do professor a fim de contribuir com esse processo formativo destes docentes, assim como suas práticas pedagógicas com alunos que possuem o diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista. A partir das respostas dos professores participantes da pesquisa, refletiu-se sobre a inclusão de crianças com necessidades educativas especiais na escola de ensino regular, assim como pode-se verificar as dificuldades enfrentadas por esses docentes durante esse processo inclusivo.

Analisou-se também a escassez de políticas públicas de inclusão, compreendendo como elas se fazem relevantes para os educadores neste processo de busca por uma formação continuada, a fim de exercer tal inclusão de forma coerente e relevante, assim tornando evidente o interesse desses profissionais por uma formação que os ajude a oferecer um trabalho de qualidade e inclusivo para todos os seus alunos, sem que se sintam desafiados ou inseguros ao desenvolver atividades com essas crianças que possuem como diagnóstico o TEA.

Entretanto, o professor não deve ser o único responsabilizado e cobrado pela baixa qualidade nas atividades de inclusão para esses discentes, tanto a escola, como a gestão, devem incentivar sua equipe docente, proporcionando cursos de formação continuada e recursos pedagógicos, buscando tornar a prática pedagógica desses professores mais inclusiva a fim de cativar a atenção do aluno autista para o ambiente escolar e para o conteúdo ministrado em sala.

No que diz respeito a prática pedagógica desses docentes, concluiu-se que esses profissionais quando não possuem uma formação adequada ou recursos que garantem um aprendizado em torno dos alunos autistas, as atividades educativas produzidas por eles ficam comprometidas ao insucesso, deixando uma lacuna entre o professor e o aluno, lacuna esta que não deveria existir em escolas que pregam a inclusão e equidade de ensino para todos.

Se os professores sentem um desconhecimento ao lidarem com as demandas desses alunos com necessidades educativas especiais, por que as escolas não investem em formação continuada específica para essas necessidades? Por que o município não oferece uma formação que contemple as necessidades enfrentadas por esses profissionais no

desenvolvimento da prática desses docentes a fim de que os mesmos se sintam mais seguros com as diversidades encontradas em sala de aula?

A respeito das características do aluno com o Transtorno do Espectro Autista pode-se notar que todos apresentam diferentes formas de interagir e aprender, assim como suas próprias sensibilidades, limitações e capacidades. Isso torna o trabalho do professor desafiante pois o docente precisa passar por um processo de conhecimento desse aluno, estudar suas características para garantir que as atividades elaboradas para ele sejam eficazes e interessantes a ponto de ter a atenção e participação do discente.

O Transtorno do Espectro Autista existe, a inclusão precisa acontecer, e incluir vai além de apenas inserir esses alunos em sala de aula. A iniciativa vinda somente por parte dos docentes não irá tornar o processo inclusivo bem sucedido, é preciso uma rede de apoio vindo da gestão escolar, famílias e órgãos públicos. Dentre os inúmeros desafios enfrentados pelo educador com alunos que necessitam de atividades educativas especiais, o apoio familiar é um dos mais recorrentes nos dias atuais, muitas famílias se recusam a aceitar que a criança tenha um transtorno cognitivo, e a negação familiar atrasa o trabalho do professor no ensino inclusivo, assim como a eficácia do aprendizado do aluno.

O apoio institucional também se faz bastante necessário para o ensino inclusivo de qualidade em qualquer escola, sendo ela pública ou privada, o incentivo a formação continuada dos educadores garante um ensino inclusivo de excelência e é um dever da escola proporcionar meios de acesso a essa formação necessária para seus professores. A formação do professor é indispensável nesse processo inclusivo, sendo ela a chave mestra para uma educação inclusiva de qualidade.

6. REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Marli. **Formação de professores**: a constituição de um campo de estudos. Educação, Porto Alegre, v. 33, p. 174-181, 2010.

ANDRÉ, Marli. **Questões sobre os fins e sobre os métodos de pesquisa em educação**. Revista Eletrônica de Educação, São Carlos, SP, v. 1, p. 119-131, 2007.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BIERNATH, André. **Autismo**: por que os diagnósticos estão crescendo tanto? BBC News, 2023.

BRASIL. **Conselho Nacional de Educação**. Resolução CNE/CP Nº 1, de 15 de maio de 2006. Fixa Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de 9 (nove) anos, Brasília: Ministério da Educação, 2010.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**: Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990.

CABRAL, Carmen Lúcia de Oliveira. COSTA, Maria Lemos da. SILVA, Rosimeyre Viera da. (org.). **A formação docente e a prática educativa**: mediações pelos saberes da pesquisa. 1. ed. Teresina: EDUFPI, 2018.

FARINA, Ione. BENVENUTTI, Dilva Bertoli. **Formação continuada de professores**: perspectiva humana e emancipatória. 1. ed. Joaçaba: Unoesc, 2024.

FILHO, L. J. M. **Anos iniciais do ensino fundamental e Paulo Freire**: docentes em diálogo. CAMINE: Caminhos da Educação, Franca, SP, v. 11, p. 80-93, 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. [2002].

GATTI, B. A. **Formação de professores no Brasil**: características e problemas. Educação e Sociedade, Campinas, v. 31, p. 1355-1379, 2010.

LIMA, V. M. M. **A complexidade da docência nos anos iniciais na escola pública**. Nuances: estudos sobre Educação, Presidente Prudente, SP, v. 22, p. 148-166, 2012.

LOPES, J. A. MARANHÃO, K. M. L. SÁ, E. G. **A formação do professor dos anos iniciais do ensino fundamental**. REVASF, Petrolina, PE, v. 2, p. 35-43, 2013.

MANTOAN, M. T. E. **Inclusão escolar**: o que é? por quê? como fazer? 1. ed. São Paulo: Moderna, 2003.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2021.

MUNSBERG, J. A. S. SILVA, D. R. Q. **Constituição docente**: formação, identidade e professoralidade. XIV SIE, Nova Hamburgo, RS, v. 3, p. 1-14, 2014.

OLIVEIRA, C. B. E. ALVES, P. B. **Ensino Fundamental**: papel do professor, motivação e estimulação no contexto escolar. Paidéia, Ribeirão Preto, SP, v. 15, 227-238, 2005.

PERRENOUD, Philippe. **Prática pedagógica, profissão docente e formação**. Lisboa: Publicações Don Quixote, 1993.

ROMANOWSKI, J. P. MARTINS, P. L. O. **Formação continuada**: contribuições para o desenvolvimento profissional dos professores. Diálogo Educação, Curitiba, PR. v. 10, p. 285-300, 2010.

ROCHA, A. B. O. **O papel do professor na educação inclusiva**. Ensaios Pedagógicos, v. 7, 1-11, 2017.

SANTOS, L. Y. A. AMORIM, S. S. **As origens do autismo na Viena nazista**: entre a vida e o extermínio. Apae Ciência, Tiradentes, v. 19, n. 1, p. 60-62, 2023.

SANTOS, L. Y. A. AMORIM, S. S. **Considerações sobre os primeiros diagnósticos do autismo**: Leo Kanner, o pai do autismo. SEPED, Tiradentes, v. 1, p.